



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1107

AS DIVERSIDADES DO MORAR: UM BREVE ENSAIO SOBRE AS CASAS DE MADEIRA DO CENTRO DE LONDRINA

Matheus Henrique Marques Sussai

Orientadora: Profa. Dra. Zueleide Casagrande de Paula

(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo

Nessa comunicação propomos apresentar o resultado de uma pesquisa, primeiramente de Iniciação Científica, que apresentou desdobramentos. Um deles resultou numa exposição realizada no Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss a respeito da casa de madeira. Por meio do mapeamento das casas de madeira localizadas na região central da cidade de Londrina (PR), um recorte espacial foi delimitado e resultou na catalogação de 138 casas de madeira com fotografias e informações sobre as mesmas. Nessa comunicação centrarei a exposição rápida no processo da pesquisa, e me deterei mais nos resultados, sobretudo nas fotografias e informações que foram registradas durante o processo de pesquisa. Essas que, ao narrar a história da casa durante o trabalho, foram expostas no Museu Histórico de Londrina com o intuito de chamar a atenção do morador da cidade sobre sua composição de palimpsesto, como aborda Michel de Certeau, que conforma suas muitas cidades internas (CALVINO, 1990), também sua importância como um documento sobre a história e memória da cidade (LE GOFF, 1992). A apropriação que o comércio fez no uso das casas, a sensibilidade do morador proprietário e o utilitário do morador de aluguel, também será uma das abordagens presentes no texto.

Palavras-chave: História; Memória; Casa de madeira; Exposição.

Financiamento: Fundação Araucária.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar e discutir o que inicialmente foi uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) e posteriormente teve desdobramentos, sendo um deles uma exposição de fotos e objetos no Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss. A pesquisa denominada “Mapeamento da casa de madeira na região central da cidade de Londrina/PR” é parte de um projeto maior intitulado: “Documento, patrimônio e paisagem: projetos arquitetônicos de edificações de

Londrina e Rolândia (1932-1950) da coleção iconográfica do CDPH-UEL”, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares, do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Inicialmente, pretendemos mostrar como pensamos a pesquisa e qual a metodologia que utilizamos, já apresentando os objetivos. Desde o modo de pensar a casa de madeira, o recorte espacial e temporal para a realização do mapeamento, e como este foi realizado: o andar nas ruas a procura das casas de madeira. A partir deste ponto, os resultados serão apresentados: a contagem das casas e ruas junto com a exposição imagética de algumas dessas residências, que serão colocadas em discussão, ressaltando aspectos de uma Londrina que se mostra a partir de cada memória dos moradores das casas de madeira. O morador é um dos principais colaboradores para este trabalho, pois é ele que possui as memórias sobre a sua vida na casa que está sendo mapeada, ou seja, é o olhar destes moradores sobre as casas de madeira, sobre a história de Londrina.

A exposição de fotos das casas de madeira e instrumentos de carpintaria também é tema deste texto, pois é um dos desdobramentos da pesquisa. Temos o objetivo de apresentar como essa exposição foi pensada, realizada, e como ela, junto com a pesquisa, mostra a importância que ainda hoje têm as casas de madeira para os seus respectivos moradores, locatários, e para a História e Memória da cidade de Londrina.

Metodologia: pensando a pesquisa, a exposição, e os objetivos

Antes de falar diretamente das metodologias deste trabalho, é importante colocar que a pesquisa realizada aconteceu concomitantemente com outra chamada: “O Inventário das casas de madeira na região central da cidade de Londrina/PR”, feita pela estudante Sonia de Oliveira Dantas, que assim como eu, também foi orientada pela Prof. Dra. Zueleide Casagrande de Paula (Departamento de História – UEL).

A partir de “A Operação Historiográfica” de Michel de Certeau (2000), nos orientamos pelas suas considerações sobre o fazer historiográfico, onde se inicia com o “Lugar social” do pesquisador, de onde este produz, é a sua instituição social num lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Para o autor, o estudo histórico está muito associado ao seu local de realização, em suas próprias

palavras: “É o produto de um lugar” (CERTEAU, 2000, p. 73). Em seguida vem a “Prática”, a pesquisa, onde acontece a transformação de coisas do mundo em documentos históricos: “[...] consiste em produzir esses documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto.” (CERTEAU, 2000, p. 81). Por fim, a operação historiográfica se concretiza (não impossibilitando outras interpretações sobre o documento) com “Uma escrita”, onde nesta se encontram tanto o lugar social, quanto a prática do historiador. É essa última que com as palavras dá sentido historiográfico ao mundo, ou melhor, àquilo que foi pesquisado.

O “documento histórico” é um conceito que esteve, e ainda está em discussão a todo o momento, mudando de significado ao longo de suas novas abordagens. Durante grande parte da história enquanto disciplina acadêmica, o documento escrito obteve uma enorme atenção enquanto um documento histórico, muitas vezes visto como portador de uma verdade única e inefável. É só com a Escola dos *Annales*, incluindo a sua terceira geração, também conhecida como “Nova História”, que “novos objetos”, “novos problemas” e “novas abordagens” foram aderidos à disciplina da História (FUNARI & SILVA, 2008, p. 70-79).

Assim, o historiador passou a construir o seu documento com o olhar de pesquisador: aquilo que via como documento (digno de uma pesquisa histórica, cabível nas metodologias empregadas pela Teoria da História), passava a ser tido como um objeto possível de pesquisas para a área da História. Isso não excluiu a importância dos textos escritos para a História, mas ampliou o campo de pesquisa para o historiador: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem.” (LE GOFF, 1992, p. 540). Ou seja, até a casa de madeira, como é o caso da nossa pesquisa, e que muitas pessoas podem deixar de notar a sua importância para a cidade, pode ser vista como um documento histórico relevante para história e memória de Londrina.

O centro da cidade é o lugar onde as transformações espaciais se mostram de maneira mais explícita. É onde as construções, demolições e reconstruções aconteceram com maior frequência, devido à expansão do comércio e a formação da cidade. Pode-se imaginar, a partir disso, que em um local onde a derrubada e a criação de novos edifícios é constante, aquilo que resistiu e faz referência a um

contexto histórico não tão contemporâneo, é de importância para a História de Londrina.

Sobre as transformações que ocorrem na cidade, a historiadora Zueleide Casagrande de Paula (2011, p. 13) diz:

A cidade vive entre a expansão territorial com construções que fazem uso das mais modernas tecnologias e a demolição de edificações consideradas velhas, mas não históricas o suficiente para serem protegidas pela patrimonialização.

Vendo a relevância de se registrar o número de casas de madeira que ainda resistem ao tempo, delimitamos um recorte espacial no centro da cidade de Londrina, e este abordou as seguintes ruas: se inicia com a Rua Benjamin Constant, até o seu encontro com a Rua Uruguai, e desta até a sua altura com a Avenida Juscelino Kubitschek, que em formato de “L”, se encontra com a Rua Benjamin Constant, fechando o perímetro. Todas as ruas foram percorridas na busca de casas de madeira para o mapeamento destas. Quando uma casa era encontrada, buscávamos conversar com a pessoa que estava no local, procurando informações a respeito da casa de madeira (principalmente sobre a sua história). Aí entra uma questão interessante: os múltiplos sujeitos e seus olhares para com a casa de madeira.

Os diversos olhares dos moradores para com o objeto serão mais bem discutidos posteriormente, e cabe aqui dizer que uma cidade não é uma construção ideal única e inefável, mas também um lugar de múltiplas interpretações diferentes: uma cidade contém as histórias das vidas de todos os habitantes, e cada um terá um discurso diferente referente a essa, que no caso, é Londrina. Italo Calvino (1990) mostra como uma cidade descrita por alguém sofre as refrações da memória, ou seja, é ambígua e pode continuar duplicando a sua ambiguidade ao infinito. O autor mostra como uma cidade pode comportar outras dentro de seus traços, de seus muros:

[...] as velhas muralhas se dilatam levando consigo os bairros antigos, ampliados, mantendo as proporções sobre um horizonte mais largo nos confins da cidade; [...] uma nova cidade que abre espaço em meio à primeira cidade e impele-a para fora. (CALVINO, 1990, p. 119).

Para Michel de Certeau (1994), a cidade possui um modo de ser palimpsesto¹, onde mesmo com as mudanças que ocorreram com o tempo, incluindo demolição de casas, construções de novos edifícios, as mais possíveis transformações do espaço citadino, a cidade contém vestígios do seu passado composto nessa nova imagem que se faz a cada dia.

O historiador Jacques Le Goff argumenta sobre a importância da memória para a história de um grupo, de uma sociedade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva [...]” (LE GOFF, 1992, p. 476). Essa identidade é construída, a partir de memórias, e a coleta das memórias desses moradores das casas de madeira se faz essencial para que a História de Londrina não seja contada apenas pelos que possuem o poder político sobre a cidade, que muitas vezes ignoram a participação de pessoas tidas como mais comuns (muitos dos moradores das casas de madeira), na história da cidade.

Outro elemento importante da pesquisa foi a fotografia. Quando era encontrada uma casa de madeira e nós buscávamos recolher informações sobre esta, quando éramos autorizados, também fotografávamos a casa.

Como aponta Boris Kossoy (2001):

Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. [...] O produto final, a fotografia, é portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia. (p. 36-37).

A partir dos apontamentos de Boris Kossoy, busquei fotografar os perfis das casas de madeiras encontradas, mas também os seus detalhes: ornamentos, decorações, tipos de telhados, janelas, portas, entre outros. Essas fotografias, junto com os relatos de vida e informações sobre as casas que os moradores nos passavam, compuseram um acervo digital de imagens e textos, que está sob custódia do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da UEL.

Como esta parte do texto também é destinada a falar da exposição e dos objetivos, iniciaremos falando sobre a primeira. A exposição que tem o nome “Fazer, Morar: as Casas de Madeira do Centro de Londrina”, tematiza aspectos de construção e moradia (cotidiano) das casas de madeira da região central

¹ Pergaminho que se apagou a primeira escritura para poder reaproveitá-lo, mas a raspagem da escrita nunca conseguia apagar esta por completa, fazendo com que mesmo nos novos textos, vestígios do antigo permanecessem visíveis.

londrinense. Utilizando as duas salas de exposições temporárias do Museu Histórico de Londrina, estão expostas 20 fotografias de todo o acervo fotográfico produzido por essa pesquisa. A primeira sala se objetivou em apresentar os aspectos do fazer, do construir, expondo também os mais variados tipos de instrumentos de carpintaria pertencentes ao acervo do museu. Já a segunda sala, foi pensada para mostrar o morar, o interior, o cotidiano dentro das casas de madeira, onde junto com as fotografias, foram expostos objetos que construíram um ambiente que representasse o interior de uma casa de madeira. Dentre estes objetos, se encontravam: sofás, radiolas, relógios de paredes antigos, objetos estéticos de parede, entre outros.

Muitos dos objetivos já estão demonstrados nos escritos acima, algumas vezes explicitamente, outras implicitamente. Cabe aqui, reforçar alguns e apontar outros. Todo esse trabalho, incluindo a pesquisa e a exposição, ou melhor, colocando-as em relação, pois esse é o ponto central, tem como principal objetivo mostrar ao morador da cidade de Londrina que a história dessa cidade está muito relacionada com as casas de madeira. Esse tipo de construção que, entre as décadas de 1940 e 1970 - o “Eldorado” das construções em madeira² -, foi o principal de um período histórico da cidade, resiste até hoje em uma paisagem citadina que se transforma a todo o momento, inclusive no centro, escondendo e destruindo cada vez mais esse documento histórico.

Além de dar voz aos moradores dessas casas de madeira, muitas vezes ignorados pela historiografia que seleciona os fatos como “grandes acontecimentos” da história para criar e dar identidade a uma cidade, o nosso trabalho também objetivou mostrar isso ao resto da população londrinense. Dito isso, acreditamos que essas atividades podem ajudar a ampliar essa discussão do documento histórico, e mostrar as outras histórias de uma cidade, que neste texto está sendo contada pelas casas de madeira.

As Diversidades do Morar nas Casas de Madeira de Londrina

O mapeamento das casas de madeira se caracterizou pela diversidade das casas que foram encontradas, principalmente nos seus modos de morar. Preferimos contar as casas mistas de madeira e alvenaria, pois ao longo do tempo, não sobra

² O período do “Eldorado” das construções em madeira é caracterizado como o ponto ápice desse tipo de arquitetura na região, tanto pela qualidade, quanto pela quantidade. Riqueza de ornamentos, cores, preocupação estética e caráter permanente, são seus pontos principais. (ZANI, 2011, p. 57).

nenhuma casa que não tenha passado por uma alteração. Sendo assim, casas com materiais de madeira e de alvenaria também entram na contagem.

No total, dentro do perímetro especificado nas metodologias, foram mapeadas 138 casas de madeira em 41 ruas percorridas (incluindo avenidas, travessas e alamedas). Dentre todas essas ruas - infelizmente o espaço aqui é curto para detalharmos o tanto de casa por rua -, muitas foram cadastradas com nenhuma casa de madeira mapeada. Mas é importante lembrar que isso não significa que essas ruas, em seus tamanhos reais e totais, não contenham nenhuma casa. Afinal, nós trabalhamos com um perímetro espacial onde a maior parte das ruas foi cortada por esse traço perimétrico, sendo apenas algumas que se iniciavam e terminavam dentro desse espaço.

Agora vamos à análise de algumas casas de madeira. A *Figura 1* retrata uma casa da Avenida Juscelino Kubitschek:



Figura 1: Casa de madeira da esquina da Avenida Juscelino Kubitschek com a Rua Pará. Autoria: Matheus H. M. Sussai, Junho de 2014.

A casa em questão se localiza na esquina da Avenida Juscelino Kubitschek com a Rua Pará. O terreno em que se encontra também abriga uma dispensa em alvenaria e um quiosque que está fechado. Conversamos com a moradora³, a filha do proprietário, que já é falecido. A partir de memórias sobre sua vida e a casa, esta nos disse que mora há aproximadamente 66 anos nessa residência, ignorando os 15

³ Não vamos expor os nomes das pessoas que participaram da pesquisa para prezar a privacidade de cada um.

que ficou casada e saiu dela, mas depois voltou. O que hoje é uma dispensa em alvenaria, antes já fora o local onde seu filho trabalhava com assistência de computadores.

Segundo a moradora, a madeira da casa é peroba rosa, e foi o seu pai quem a construiu, no ano de 1947. Sobre a década de 1940 e as construções de madeira em Londrina, Antonio Carolos Zani diz que: “A ocorrência de muita peroba rosa, uma árvore grande e com madeira de boa qualidade, favoreceu o seu uso sistemático na construção das casas [...]”. (2011, p. 45). Hoje a casa se encontra apenas em um meio terreno, a outra metade foi vendida há aproximadamente 38 anos para o “Dr. Moisés” (advogado). O pai da moradora construiu a casa quando esta estava com apenas um ano de vida. A moradora comentou que já morou em três casas de madeira, e em duas de alvenaria. Fora esta casa de madeira da Avenida Juscelino Kubitschek, em que ela reside. A moradora ainda informou que também morou na Rua Goiás e na Rua Lapa, em ambas habitava casas de madeira. Nesta casa construída por seu pai as janelas são originais, mas a edificação sofreu algumas mudanças, porém quase tudo ainda permanece original.

A moradora é Londrinense, nasceu no bairro Vila Nova. Quando perguntamos sobre os barulhos produzidos pela casa, esta disse que já percebeu, mas que devido a todo o barulho urbano atualmente, principalmente da rua que é muito movimentada, é quase imperceptível qualquer som que a casa venha a produzir. Disse que a casa não estala, e considera a casa de madeira mais saudável, mais fresca. É notável seu gosto pela casa, mas seu sentimento não aparenta ser um dos mais fortes. Disse que quando morou em um apartamento, este não lhe trouxe boas emoções, e por isso acha que a casa de madeira é melhor para se morar. Argumentou ainda que se pudesse, queria construir outra casa de madeira em outro estilo. Não quer vender a casa, e reclama dos preços que as construtoras oferecem pelas casas de madeira, não sendo justos ao seu real valor. Por exemplo: oferecem apartamentos em outros prédios que não valem o terreno e nem a casa. Reclamação esta, parecida com a de muitos proprietários/moradores das casas de madeira.

A próxima casa a ser trabalhada expressa uma realidade bem diferente da última que acabamos de discutir. A casa representada pela *Figura 2* é utilizada para fins comerciais, uma característica de muitas casas encontradas no mapeamento:



Figura 2: Casa de madeira utilizada como Pet Shop.

Esta casa Avenida Rio de Janeiro. Autoria: Matheus H. M. Sussai, te de um terreno Fevereiro de 2014. com mais quatro casas, sendo todas de alvenaria, apenas uma com o telhado em madeira. Duas das casas do terreno, incluindo a de madeira em estudo, são alugadas para fins comerciais. As outras três são alugadas para moradia. Em nossa conversa com a locatária, esta nos informou que aluga a casa há três anos, e que não sabe muito sobre a sua história. Como mostra o título da imagem, é utilizada como Pet Shop, estando em ótimo estado de preservação.

As reformas (incluindo pinturas e outras transformações visando à estética) são mais comuns nas casas alugadas para fins comerciais, como é notado na casa representada pela *Figura 2*. Alguns moradores e proprietários, que utilizam a casa para moradia, também reformam. Mas existe uma parcela enorme de pessoas que só estão em casas de madeira por causa de fatores financeiros. É o caso da próxima moradia a ser apresentada (*Figura 3*):



Figura 3: Casa de proprietária que deseja vender. Rua Uruguai. Autoria: Matheus H. M. Sussai, Agosto de 2013.

A proprietária da casa nos informou que possuía um enorme interesse em vendê-la, mas a imobiliária que se interessou pelo terreno, queria comprar apenas se conseguisse também a casa de madeira ao lado. O empecilho está nesse ponto. O proprietário da casa de madeira ao lado da que está na imagem, se enquadra nos moradores apaixonados por sua casa de madeira, diferente da moradora que quer vender a casa, pois só está nela por fatores (problemas) financeiros. A moradora está na casa há aproximadamente trinta anos, e o terreno é tão extenso que nele se encontram mais uma casa de madeira aos fundos, e também um grande porão, que foi adaptado à casa principal para moradia de um inquilino.

A próxima e última casa a ser abordada nesse trabalho é mais uma com fins comerciais (*Figura 4*):



Figura 4: Lavanderia. Avenida Juscelino Kubitschek. Autoria: Matheus H. M. Sussai, Março de 2014.

A lavanderia se encontra na Avenida Juscelino Kubitschek, rua de muita importância comercial para a cidade de Londrina. Aqui, vemos mais uma vez a difusão do comércio e a apropriação da casa de madeira para tal. Em ótimo estado, devido às reformas, a casa de madeira possui um cômodo em alvenaria, que é utilizado como cozinha. A locatária nos informou que aluga a casa há aproximadamente quatro anos.

A cidade de Londrina passou por transformações em sua estética urbanística, o que é muito normal. Com isso, existiram ruas que ao longo do tempo foram se destacando pelo usufruto comercial, como é o caso da Av. Juscelino Kubitschek. Nessas circunstâncias, as casas de madeira que já pertenceram a essas ruas no

passado, podem estar escondidas, ou foram demolidas. A última alternativa é o exemplo acima, onde a casa também se adaptou para a utilização do comércio.

Assim, vemos a diversidade do morar nas casas de madeira do centro de Londrina, mapeadas nessa pesquisa. Aqui tivemos quatro exemplos: na primeira casa a moradora possui um sentimento notável pela casa (não um dos mais fortes, como visto em outros moradores), mas forte o suficiente para que ela não queira sair de sua casa. No terceiro exemplo (pulei o segundo para falar dele junto com o quarto), temos uma moradora e proprietária que deseja vender a sua casa, pois se pudesse, moraria em um local com mais qualidade de vida. Mas o empecilho principal para que ela consiga, é justamente um morador apaixonado pela sua casa de madeira. E agora, finalmente, no segundo e no quarto exemplo, temos duas casas que hoje são utilizadas para fins comerciais, alugadas pelos donos desses estabelecimentos de comércio. Casas que se adaptaram às transformações que a difusão do comércio proporcionou em Londrina.

Considerações Finais

O presente trabalho objetivou relatar os resultados da pesquisa “Mapeamento da casa de madeira na região central da cidade de Londrina/PR”. A partir de seus vários desdobramentos - como a exposição no Museu Histórico de Londrina e a montagem de um acervo digital -, este texto quer mostrar a importância que a casa de madeira tem como um documento histórico na construção da história da cidade de Londrina.

A partir das memórias desses moradores, das conversas sobre a história e a vida dessas pessoas nas casas, vemos que “várias Londrinas” são relatadas em uma visão bem diferente da que a historiografia tradicional (principalmente a que reverencia os pioneiros e ignora o resto da sociedade) nos oferece. A história da cidade se constrói também com essas pessoas, que trabalharam e ajudaram essa cidade a crescer.

Um dos pontos principais do texto, além de mostrar os resultados quantitativos (138 casas de madeiras mapeadas no centro), foi a abordagem das diversas maneiras do morar na casa de madeira. No texto tivemos o exemplo de quatro casas e cinco moradores (pois uma das casas estava ao lado de outra que o morador não queria vender), o que mostra um outro perfil de morador.

Ficou explícito com a pesquisa que existem moradores/proprietários que moram na casa há um bom tempo e são apaixonados por essa, tendo a chance de morar em outros lugares e não indo; os moradores que também ocupam a moradia por período grande, mas não saem da casa por fatores financeiros; e aqueles que alugam a casa (muitos estão há menos de dez anos no local) para utilizar como comércio, devido à sua localização, pois a pesquisa inteira se realizou no centro da cidade, local forte de comércio. Assim, vemos como as casas de madeira no centro da cidade de Londrina foram se transformando ao passar do tempo, resistindo, se adaptando de diversas maneiras, e configurando certa diversidade para os modos de morar/utilizar a casa de madeira.

Referências

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 65-119.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. & SILVA, Glaydson José da. **Teoria da História**. São Paulo : Brasiliense, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

PAULA, Zueleide Casagrande de. A Cidade de Londrina e a Imagem do Patrimônio Edificado: a Estação/Museu e a Secretaria de Cultura/Casa da Criança. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Patrimônio histórico e cultural: cidade de Londrina-PR**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/ LEDI, 2011, p. 09-42.

ZANI, Antonio Carlos. Casas de Madeira em Londrina. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Patrimônio Histórico e Cultural: cidade de Londrina-PR**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina / LEDI, 2011, p. 43-58.